

UM OLHAR DO TEÓLOGO-PASTOR PARA A CIDADE E A PASTORAL URBANA (DEPOIS DE APARECIDA)

REVITALIZAÇÃO DO CENTRO URBANO E EXCLUSÃO
CENTRO LOYOLA DE FÉ E CULTURA - JUIZ DE FORA

João Justino de Medeiros Silva

SILVA, João Justino de Medeiros. Um olhar do teólogo-pastor para a cidade e a pastoral urbana (depois de Aparecida): revitalização do Centro Urbano e Exclusão Centro Loyola de Fé e Cultura - Juiz de Fora. **Rhema**, Belo Horizonte, v. 14, ns. 45/46/47 (Edição Unificada 2008), p. 171-180. 2008.

INTRODUÇÃO

Meu olhar focaliza a cidade de Juiz de Fora. Aqui nasci em 1966. Meus pais são também filhos desta cidade. Antes de ingressar no Seminário estudei em duas escolas públicas e uma escola particular. Fiz minhas graduações no Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, na Universidade Federal de Juiz de Fora e no Seminário Arquidiocesano Santo Antônio. Como seminarista, diácono e padre trabalhei na Zona Norte, na Paróquia de Benfica que naquela época compreendia o triângulo Santa Lúcia/Nova Era, Dias Tavares e Igrejinha, somando, em 1995, quando saí para os estudos de mestrado, 42 comunidades. Quando retornei, fiquei vinculado ao Seminário e trabalhei durante seis anos na Paróquia Bom Pastor, incluindo por alguns anos a Capelania

da Santa Casa. Na paróquia Bom Pastor, no atendimento da Santa Casa e no Seminário, sempre em equipe de padres. Hoje continuo no Seminário e colaboro aos finais de semana como vigário paroquial na Paróquia São Pedro, cidade alta, também com outros dois padres.

A história do cristianismo está ligada ao universo das cidades. Há abundantes estudos que identificam esta relação. A própria definição de pagão é um sinal disto, enquanto denota os que vivem nos *pagus* (aldeias) em diferenciação dos que estão nas cidades. Mesmo as Sagradas Escrituras estão repletas de figuras urbanas. Talvez a figura mais forte seja a indicação da Jerusalém celeste.

A pastoral da Igreja no Brasil após o Concílio Vaticano II esteve muita atenta à questão da cidade. O exemplo mais evidente desta atenção foi a atuação do Cardeal Arns na cidade de São Paulo. Já em 1976, aquela Arquidiocese publicou uma obra do Cardeal intitulada "*Cidade, abre tuas portas*", apresentando um verdadeiro programa de pastoral urbana. Ali identificamos uma Igreja que aceitou enfrentar o desafio de anunciar o Evangelho no mundo urbano. As prioridades pastorais têm nitidamente o traço urbano: direitos da pessoa, o mundo do trabalho, a periferia e as CEBs.

Considerando minha trajetória pessoal e a preocupação da Igreja com o mundo urbano, minha intervenção será muito simples. Minha pretensão é apenas provocar a conversa. Apresentarei três breves pontos: (1) A cidade e a Igreja: como esta enxerga aquela? (2) Como a recente Conferência Geral do Episcopado Latino-americano realizada em Aparecida, no ano passado, considerou o mundo urbano? (3) E as novas diretrizes da ação evangelizadora da Igreja no Brasil para o período 2008-2010?

I. A CIDADE E A IGREJA: COMO ESTA ENXERGA AQUELA?

O grande pastor e poeta Dom Hélder Câmara, Arcebispo de Olinda-Recife, publicou um livro interessante com suas reflexões feitas em seu programa na Rádio. Chama-se “*Um olhar sobre a cidade*”. Na sua palavra transparece o olhar do pastor “que se interessa por tudo o que é urbano”. Aqui estou parafraseando o Papa Paulo VI ao dizer que a “Igreja se interessa por tudo o que é humano”. Ouçamos o próprio Dom Hélder:

SOBRE A CIDADE

De onde se tem a vista mais larga e mais bela sobre Recife?

Pode-se dizer que é de Olinda, do Alto da Sé?

De onde se tem a vista mais larga e mais bela sobre Olinda? O que dá a impressão mais característica de Recife? O centro da cidade? As praias? Boa Viagem? Os morros e córregos? Os conjuntos da Cohab? As favelas?

O que dá a impressão mais fiel e mais segura de Recife, e da Grande Recife? Seus estádios de futebol? O Geraldão? Seus cinemas e teatros? Seus terreiros? Suas igrejas? Em que medida os supermercados e as feiras deixam apreender a alma de Recife?

O frevo é expressão profunda da alma pernambucana? Um pernambucano da gema pode ouvir Vassourinhas, sem estremecer?

Quem pode transmitir-nos o que Recife tem de mais característico, de mais seu?

Os motoristas de táxis têm uma palavra a dizer? Os pobres, que dormem ao relento, conhecem um Recife que muita gente não conhece?

A estação ferroviária, a rodoviária, o aeroporto têm o que contar sobre a nossa cidade e o nosso povo?

Quem pode falar sobre as crianças? É verdade que há muita criança pobre cheirando cola? Há muita criança passando fome? Quem conhece, por dentro, o que se passa com os pivetes?

Há muito jovem na droga? Quem vai à droga o que está querendo esquecer ou do que está querendo fugir?

Há mais famílias unidas e felizes ou lares divididos e ameaçados de derrocada? Há fome, de verdade, em nossa cidade?

Há muito turista chegando a Recife? Vêm com olhos de ver e ouvidos de ouvir? A política está fervendo muito? É febrinha passageira ou só até 15 de novembro? Está correndo muito dinheiro? A tendência é aproveitar o dinheiro e fazer depois o que a consciência manda, ou o dinheiro cria compromisso?

Frei Damião prova que a nossa gente sabe amar e venerar quem passa a vida toda amando Deus e amando os irmãos?

Quem já teve tempo de lembrar de parar um instante para ver o trabalho das margaridas que varrem as nossas ruas? E quem já deu um bom-dia ou um aperto de mão aos garis da nossa limpeza pública?

Quem já viu os nossos bombeiros em ação? Quais são os guardas de trânsito mais eficientes e, ao mesmo tempo, mais educados da cidade?

Quem já fez uma visita fraterna às favelas nossas ou às nossas áreas de invasão?

Quem conhece por dentro nossos hospitais? Quem já escutou um momento gente nossa que procura trabalho sem achar? Quem pode e quer ajudar-me a ajudar nossa população a lançar cada manhã, fraternalmente, um olhar sobre a cidade?¹

Este jeito de olhar para a cidade da parte de Dom Hélder me fez perguntar: como a Igreja de Juiz de Fora, como nós pastores – estou incluindo aqui destacadamente os padres e os bispos – olhamos a

1 CÂMARA, Helder. **Um olhar sobre a cidade**. São Paulo: Paulus, 1995, p. 9-10.

cidade de Juiz de Fora? Faço aqui uma distinção entre o olhar e o ver. Pode parecer demais sutil, mas tem sua importância. Ver é bem mais que olhar como escutar é bem mais que ouvir.

- a) O espaço: comumente definimos o centro da cidade pelas antigas e principais vias onde se desenvolve o comércio. Mas quais são os elementos definidores de centro e periferia? Quando falamos centro, pensamos o geográfico? O histórico? O centro do poder? O centro das relações comerciais?
- b) O trabalho: os que trabalham estão divididos em diversos setores, formais e informais. Quantos são os camelôs desta cidade? O trabalho é uma categoria de altíssima expressão para a organização do mundo urbano. Curiosamente, muitas atividades – como os “catadores” – não são vistas pela maioria da população como trabalho. Mas o que é o trabalho, então?
- c) A educação: para além do estudo básico e médio, há o que já chamaram de *boom* das Faculdades. São cerca de 14, incluída a UFJF. Uma cidade universitária, se diz. A interação “universidade-comunidade” já existe parcialmente. E aqui está uma questão muito importante: como os cursos de graduação nesta cidade podem contribuir para a construção da cidadania? Qual o retorno social que o universo acadêmico oferece para a cidade? Ou as Faculdades têm interesse restrito no mercado? Pergunto-me se uma pastoral universitária significativa não poderia ser mediadora desse diálogo?
- d) Moradia: talvez a questão que mais nos aproxima do nosso parceiro neste Colóquio. Minha percepção – talvez superficial demais – vê o contraste entre os condomínios dos ricos e os conjuntos habitacionais dos pobres. Os primeiros se protegem com muros, portarias, vigias e os outros têm uma privacidade muito reduzida. Aqui

se inscreve obviamente os que não têm casa: a população de rua: quem são? Quantos são? Onde estão?

- e) O lazer: entendido aqui na sua extensão pública, Juiz de Fora oferece os bares (points) e as festas de massa (Jffolia, Festa Country, Orgulho Gay, Carnadministrando...). Agora uma nova “folia” do Independência (que curiosamente vai gerar muita “dependência”). Cinema, teatro, música, cafés, museus... também são uma oferta já bastante expressiva.
- f) O transporte está diretamente ligado ao crescimento do espaço urbano. O cidadão precisa deslocar de um lugar ao outro para o atendimento de suas necessidades. Mas como organizar este trânsito que é fundamentalmente um trânsito de pessoas, ainda que automobilizadas?
- g) Poderíamos considerar ainda a saúde, o meio-ambiente, os MCS, a segurança.

E seria muito interessante organizar (se é que não existe!) uma espécie de “observatório interdisciplinar permanente da cidade”, no sentido de conhecer o movimento urbano e oferecer dados a serem considerados nas políticas urbanas e no caso da Igreja na definição de suas prioridades pastorais.

Mas como a Igreja de Juiz de Fora vê a cidade? Para responder esta pergunta tomei como parâmetro o Plano Pastoral 2008 da Arquidiocese. A julgar pelo que ali encontramos, arriscamos a dizer que não “vemos a cidade”, não escutamos a cidade. Predominam as opções intra-eclesiais. Sem dúvida elas poderão ter seu impacto na vida da sociedade, mas também indicam como nós, sobretudo os padres e agentes de pastoral, estamos quase que confinados no espaço paroquial ocupados com a pastoral da manutenção. Há algumas indicações muito

genéricas. Não há nenhuma indicação concreta que atinja diretamente a realidade social urbana. Em outras palavras, considerando muitas e criativas iniciativas de trabalhos sociais – na Forania de Santo Antônio inventariadas recentemente – podemos constatar que nossa Pastoral Social está desarticulada. E a Igreja está na cidade, mas não influencia a cidade com uma “boa-nova”. O que existe de mais significativo como presença da Igreja na cidade de Juiz de Fora é o que responde à pastoral da manutenção.

2. COMO A RECENTE CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO REALIZADA EM APARECIDA, CONSIDEROU O MUNDO URBANO?

O tema do mundo urbano está bastante presente no Documento de Aparecida (DAp). Pela razão de o texto buscar ler a realidade latino-americana incluindo o desafio da missão da Igreja nas grandes cidades. Pode-se ter a impressão inicial de uma leitura um tanto pessimista da realidade urbana, mas o texto oferece mais do que isso.

A cidade é vista não apenas como lugar de missão, mas em seus próprios valores. Reconhece-se que “a cidade se converteu no lugar próprio das novas culturas que se vão gestando e se impondo, com nova linguagem e nova simbologia. Essa mentalidade urbana se estende também ao próprio mundo rural” (DAp 510). Afirma que “a fé nos ensina que Deus vive na cidade, em meio a suas alegrias, desejos e esperanças, como também em meio a suas dores e sofrimentos. As sombras que marcam o cotidiano das cidades, como exemplo, a violência, a pobreza, individualismo e exclusão, não nos podem impedir que busquemos e contemplemos o Deus da vida também nos ambientes urbanos. As cidades são lugares de liberdade e oportuni-

dade. Nelas, as pessoas têm a possibilidade de conhecer mais pessoas, interagir e conviver com elas. Nas cidades é possível experimentar vínculos de fraternidade, solidariedade e universalidade. Nelas, o ser humano é constantemente chamado a caminhar sempre mais ao encontro do outro, conviver com o diferente, aceitá-lo e ser aceito por ele” (DAp 514).

Lembra, ainda, que a Igreja está a serviço da realização da nova Jerusalém. Sua missão passa pela cidade enquanto propõe colaborar para a sua transformação.

Os parágrafos 517 e 518 insistem nas iniciativas da Pastoral urbana enumerando cerca de vinte e seis sugestões para a pastoral na cidade.

O Documento distingue cultura urbana de cultura suburbana. A primeira “é híbrida, dinâmica e mutável, pois amalgama múltiplas formas, valores e estilos de vida e afeta todas as coletividades. A cultura suburbana é fruto de grandes migrações de população, em sua maioria pobre, que se estabeleceu ao redor das cidades nos cinturões de miséria. Nessas culturas os problemas de identidade e pertença, relação, espaço vital e lar são cada vez mais complexos” (DAp 58).

Ao tratar do cuidado com o meio-ambiente, o DA oferece a seguinte proposta entre outras: “aprofundar a presença pastoral nas populações mais frágeis e ameaçadas pelo desenvolvimento predatório, e apoiá-las em seus esforços para conseguir equitativa distribuição da terra, da água e dos espaços urbanos” (474 b).

Finalmente, destacamos que cabe aos leigos atuar à maneira de fermento para construir a cidade temporal que esteja de acordo com o projeto de Deus (DAp 505).

3. COMO AS DIRETRIZES DA AÇÃO EVANGELIZADORA DA IGREJA NO BRASIL PARA O PERÍODO 2008-2010 PENSAM A CIDADE?

Este texto foi lançado não faz ainda um mês. São as diretrizes que deverão orientar a ação evangelizadora da Igreja católica em todo o Brasil nos próximos três anos. O texto está articulado em três capítulos mantendo como pano de fundo o método ver-julgar-agir. O primeiro capítulo busca ver “a realidade que nos interpela”. O segundo aprofunda o tema do “discipulado missionário” em sintonia com o Documento de Aparecida. O terceiro capítulo trabalha as “pistas de ação para a missão evangelizadora”. Aqui a proposta é clara, seguindo um modelo já conhecido:

- Promover a dignidade da pessoa (“micro”)
- Renovar a comunidade (“meso”)
- Construir uma sociedade solidária (“macro”)

Este terceiro capítulo, lido atentamente, apresenta um conteúdo que tange em muitos pontos a nossa discussão. É possível perceber que os bispos estão conscientes de que a sociedade solidária atinge diretamente a construção da “cidade solidária”, embora essa seja aqui numa expressão minha. A cultura contemporânea é decididamente marcada pelo urbano, que apresenta tantos novos areópagos para o anúncio do Evangelho.

Embora no texto se encontrem dois parágrafos com uma visão um tanto pessimista da cidade (21 e 35), nas pistas de ação para a construção de uma sociedade solidária, um longo parágrafo (200) é dedicado ao tema da “crescente urbanização” com uma visão mais esperançosa. Constatando a rapidez e o alcance do processo de urbani-

zação, são indicadas treze atitudes prioritárias, das quais destaco a seguinte “Atenção especial à evangelização nos ambientes de favelas, cortiços e periferias, lugares facilmente esquecidos pelo poder público e nem sempre atingidos pelas iniciativas pastorais”. Esta atitude pastoral está articulada de modo coerente com o nº 9 da introdução, ao afirmar que “em se considerando a cultura urbana, é preciso um estilo pastoral adequado que atinja as pessoas através de práticas pastorais e estruturas evangelizadoras. De modo especial, pois que os pobres são a maioria da população, a Igreja deverá assumir mais efetivamente o desafio missionário com o espírito evangélico que a anima, sendo realmente a “casa dos pobres”.” Esta expressão “casa dos pobres” é tomada do Documento de Aparecida que afirma ao final do nº 8: “A Igreja é morada de povos irmãos e casa dos pobres”.

Concluindo: é muito claro para a Igreja no Brasil que “o escândalo da exclusão e da violência na sociedade consumista nos interpela à realização da solidariedade”. A Igreja se sente convocada por Cristo a ser uma Igreja Samaritana, cujo compromisso social tem raiz na própria fé.